



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

V nos tempos em que a MTV era “A” televisão deste país, consagrada como cineasta depois de dirigir “Person” (2007) e “Califórnia” (2015), Marina Person encarna Diane Keaton ao estrelar a comédia (rascante) que virou o “filme-delícia” da Berlinale 2026, com ar de “Sessão da Tarde”, para se ver de mãos dadas: “Isabel”. Incluído na seção Panorama, bem escudado pelo esmero de seu produtor (Rodrigo Teixeira, de “Ainda Estou Aqui”), essa trama sobre vinhos, verdades entaladas e reinvenções dá à multiartista que apresentava os melhores videoclipes da Terra a chance de se firmar com atriz, numa atuação boa à beça.

“A Isabel é mulher que, aos 50 e poucos anos, para, olhe e diz: ‘Será que eu quero continuar a viver tudo do jeito que está?’. O sonho a faz ir adiante”, disse Marina ao Correio da Manhã, no Berlinale Palast, ao lado do ator Caio Horowicz e do diretor Gabe Klinger, paulista que estudou e filmou no exterior, consagrando-se com “Porto – Uma História de Amor” (2016), longa no qual prenunciou uma centelha autoral ao contrastar a (tão anunciada... e temida) liquidez afetiva do Presente com um debate sobre perenidades.

Flora Dias, à frente da direção de fotografia, empresta a Klinger um colorido dionísio para compor bem com os eflúvios bacantes que borbulham pelo espírito cronista do roteiro, escrito pelo diretor com Person. Tem uma SP com cara de Irajá, mais suburbana, de casinhas coloridas



Marina Person
brinca de Diane
Keaton na comédia
rascante ‘Isabel’

Brasiliidade de encher o copo

Apoiado no carisma de Marina Person, ‘Isabel’, egresso de SP, vira o ‘filme-delícia’ do festival alemão, numa trama regada a vinhos e recomeços

em que uma vizinhança chatonilda reclama da instalação de botecos. Nesse local, a sommelier Isabel zanza entre o chamego do DJ francês Fred (Gregory Chastang) e a amizade pétrea do futuro expert em bebidas Nico (Caio Horowicz). Ela está cansada de seu patrão, o chef Tommaso (Marat Descartes) e pensa em mudar de ares. Em meio a esse ensejo, entra um investidor americano chegado a um cálice de Velho Barreiro (papel de John Ortiz), que planeja custear o projeto de Isabel em abrir um bar de vinhos nacionais.

“Ela está vulnerável, numa cidade patriarcal. O movimento do filme, ao dar voz a uma mulher,

“A Isabel é mulher que, aos 50 e poucos anos, para, olhe e diz: ‘Será que eu quero continuar a viver tudo do jeito que está?’. O sonho a faz ir adiante”

MARINA PERSON

é quebrar com esse patriarcado, não po acaso chamei Marina para escrever comigo”, diz Gabe.

Destaque do elenco de “Califórnia”, que lhe rendeu o troféu Redentor de Melhor Coadjuvante, Horowicz ressalta a jovialidade que Marina aporta ao papel.

“A curiosidade que Marina tem pela vida transborda nesse papel”, diz Horowicz.

Responsável por uma das atuações de maior vigor da Berlinale, Marina destaca a abordagem não usual com que SP é retratada é “Isabel”: “Não é a cidade cinza, de grandes empresas”, diz a atriz. “É uma São Paulo das ruas de paralelepípedo, de botecos de esquina”.

Contatos imediatos com a excelência das Gerais

Conceição Evaristo, autora que hoje mobiliza livrarias no Brasil inteiro, não precisou viajar até a Berlinale para que seu nome fosse citado com status de estrela (... e das telas, não das Letras) em múltiplos cantos da Alemanha, por sua atuação em “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”. Num papo com o Correio da Manhã, anterior à filmagem da ficção científica de André Novais Oliveira, a escritora responsável por pérolas como “Canção de Ninar Menino Grande”, explicou a sua visão de quietude: “Não existe silêncio eterno. Silêncio pode ser uma escolha, uma tática pra se gritar depois. Silenciamento, não. Esse é opressão. E é contra ela que a palavra se impõe

como uma força. Palavra é vingança. Palavras falam pelos orifícios das máscaras que usamos”.

Pode-se encontrar essa visão de mundo pelos caminhos que a personagem de Conceição percorre no trabalho mais pujante do diretor de “Temporada” (2018), encarado como potência na cena do audiovisual feito em Contagem (MG). Seu roteiro faz de uma aparente simplicidade a colheita para suas tiradas existenciais.

“Diálogo é a parte de que eu mais gosto no roteiro e uso o que eu aprendo com a escuta. Ao chegar num bar, eu ouço atento quem fala mais, quem fala menos. Ali eu acho verdades. Ao levar essa escuta para o cinema, eu

não imponho o gênero em primeiro lugar. O absurdo nas situações que eu narro nesse novo filme é que me levam à ficção científica”, diz Oliveira ao Correio num papo no Berlinale Palast, protegendo-se de revelar a surpresa de sua trama.

Em “Se Eu Fosse Vivo... Vivia”, a plateia é levada ao Brasil da década de 1970. Contagem ainda é uma cidade em crescimento e serve de lar a um jovem casal apaixonado. O jovem Gilberto pede perdão a uma moça, Jacira, pouco antes de um encontro inesperado mudar o rumo das suas vidas. Cinquenta anos depois, os dois — agora interpretados por Norberto Novais Oliveira, o pai de André, e Conceição Evaris-



Conceição Evaristo e Norberto Novais Oliveira
em ‘Se Eu Fosse Vivo... Vivia’

to — continuam juntos. São um casal carismático e afável, na casa dos setenta anos. Levam uma vida feliz, apesar dos problemas de saúde próprios da idade, partilhando quase todas as atividades diárias lado a

lado. Quando Jacira é subitamente hospitalizada, Gilberto passa a viver acontecimentos perturbadores, numa espiral através do tempo e do espaço (literalmente), que o conduz ao desconhecido. (R. F.)